

cartografias da experiência militante

stéfanis s. caiaffo*

A geografia afetiva

Primeiro ponto para um programa vital: percorrer tua metrópole a esmo, sem que tenhas trajeto pré-definido e sem que tragas um mapa à mão. Para tal programa, uma sugestão descartável seria encheres o tanque, ou pegares o primeiro coletivo, ou dobrares a primeira esquina, ou simplesmente dares o primeiro passo; enfim, dar-te logo ao caminho, aquilo que só adquire sentido a partir do movimento. Posto a caminho, traça teu percurso pelo tempo que considerares suficientemente confortável ou prudente, tempo-limite; quando chegares neste momento remoto de tua errância e estiveres sobre teu tempo-limite, facilmente estarás cara a cara com a amplitude da metrópole que teu discernimento consegue suportar, estarás corpo a corpo em zonas de confronto direto com aquilo que te angustia ou fascina, sensações-limite que ostentas entre determinadas geografias urbanas. No ponto remoto de tua errância, sobre as fronteiras do considerado confortável ou prudente, aí estarão não só as bordas de tua car-

* Mestre em Psicologia pela PUC/RS e doutorando em Psicologia pela UERJ.

tografia da metrópole em seus territórios de aço e concreto; não só as bordas da tua cartografia cognitiva, teus territórios de discernimento, visibilidade e direcionamento; estarão também as bordas afetivas de tua cartografia em suas intensidades invisíveis, ali onde as sensações, seus potenciais e limiares, transformam-se em inevitáveis curvas de deriva no cotidiano de tua experiência.

A geografia, além de uma geografia física e cognitiva, é também uma geografia afetiva; matéria, física, semiótica e intensiva; é na mais contundente co-extensão entre estes três estratos que poderemos pensar tanto uma excursão topográfica nos relevos da cidade quanto uma interpretação dita política sobre os corpos e liames que os preenchem. O movimento que a metrópole percorre em sua apropriação e distribuição no terreno, assim como os diferentes dispositivos materiais e lógicos dos quais a metrópole lança mão para existir, todos os seus territórios de concreto e discernimento, tudo isso só pode ser compreendido em co-extensão com os movimentos afetivos que lhe são ou foram correspondentes.

Para cada conjunto de encontros e desencontros com as ruas e alamedas, as praças, parques ou passeios, as casas e prédios; para cada conjunto de encontros e desencontros com suas inscrições, nomes e signos populares; para cada conjunto de encontros e desencontros entre as velocidades, sentidos e desvios da metrópole; para cada um desses conjuntos, todo um conjunto de encontros e desencontros com os campos semióticos e afetivos que lhes são co-extensivos, encontros e desencontros com as diversas zonas intensivas e as diferentes matérias de expressão que preenchem nosso campo, diferentes possibilidades sensitivas e enunciativas que irrompem sobre e arrebatam completa ou parcialmente cada um de nossos corpos. São estas diferentes possibilidades sensitivas e enunciativas, assim como sua conseqüente orga-

nização num corpo estendido em aparatos e objetos materiais, o que configura a complexidade de um campo a partir do qual tanto cada individualidade quanto a própria realidade ganharão consistência e espessura.¹

Na geografia afetiva encontramos as sensações e as intensidades, e é esta dimensão sensorial do corpo que força-nos a territorializar cotidianamente uma nova existência, um corpo que acabe por se expressar também cognitiva e fisicamente. O corpo é uma forma de resposta às sensações inéditas que em nós se inscrevem quando entramos em contato com as diferentes situações nesta nossa errância a meio caminho, o modo de vida como uma resposta àquilo que Suely Rolnik² chama de marcas.

As marcas são estados inéditos que são inscritos na experiência do corpo, estados de desassossego que ele vai sentindo à medida que entra em contato com as diferentes configurações dos fluxos de desejo, com as diferentes tramas de intensidades e os diferentes vetores de força que agenciam e compõem as situações e acontecimentos de uma errância. Cada uma das marcas inéditas que vão sendo inscritas neste corpo acaba por demandar uma outra articulação que a possa existencializar, dar-lhe um território existencial a partir do qual este mesmo corpo ganhará movimento.

Somos obrigados a pensar; o pensamento não é algo dado ou evidente, mas um acontecimento raro, cujo sinal aponta para o descontínuo em determinada trajetória de vida: a cognição torna-se pensamento somente quando o pensar ocorre de maneira diferencial, dando resposta a um conjunto intensivo e inédito de afetos e sensações. Da mesma forma, o ato somente pode ser chamado como tal quando se apresenta como a elevação do diferencial, ficando todo o resto dotado somente do poder de permanência. Na gênese do viver está sempre presente a dinâmica de um devir, um constrangimento à produção de uma di-

ferença; somos constantemente coagidos à elevação do diferencial, mesmo que nossa insistência seja ainda não saber aceitar ou lidar com a liberdade e a responsabilidade que isso acarreta.

Quando a dimensão intensiva demanda cotidianamente o trabalho de produção de novos territórios existenciais, ela demanda nada menos do que a produção cotidiana de uma subjetividade, todo um complexo modo de vida; ela demanda, por constrangimento ou por acaso, a produção da metrópole. De acordo com as diferentes configurações deste campo no qual estamos inscritos, nosso plano de imanência, somos forçados a produzir tanto uma escultura viva de si³ quanto uma realidade do fora, dando a este conjunto uma especial e necessária consistência vital e material, um conjunto de liames e relações que procuramos estabelecer para a produção e a nossa inscrição na realidade.

A metrópole é constantemente transversalizada por este cartograma rizomático⁴ das intensidades, cartograma que teima em não respeitar os conjuntos de áreas loteadas, os limites de velocidade, os sentidos da circulação e as palavras de ordem das organizações oficiais. As sensações e intensidades, em sua virtude dissidente, forçam-nos a inscrever nosso corpo na metrópole sempre diferentemente. Para perceber este movimento só é necessária uma longa preparação.

A resistência e o desatino

De que forma poderemos explicar o desatino das metrópoles contemporâneas, desatino esse que é expresso no embotamento da alteridade em egoísmo, da gentileza em paranóia, da força em violência, da suavidade em truculência e da produção em exploração? De que forma poderemos explicar todo este embotamento das indivi-

dualidades radiantes em individualismo mesquinho e parasitário? De onde surgiu o enxugamento da potência diferencial do pensamento em *slogans* e refrões, em palavras de ordem e imagens tendenciosas que significam o negativo absurdo do autoritarismo, do controle e da escravidão? De que forma poderemos compreender o definhamento da arte da sociabilidade neste pacto social capitalista que vigora, ecologia que tudo suga e espreme num mesmo equivalente geral mercantilista, buraco negro da miséria existencial?

Hoje em dia, entre as alegrias do marketing, por intermédio de êxtases e espasmos sofridos com os leves choques telemáticos e cibernéticos dos suportes midiáticos, desliza então nosso corpo pela vida, eterno entre-as-prateleiras de produtos e identidades, acoplando desejos e força ao sistema, movimentando suas agonizantes engrenagens fabris ou estatais e traficando senhas e cifras sob o guarda-chuva das grandes redes. Tudo isso para entrar no céu com o diploma de empreendedor bem comportado.

Na roda do capitalismo pós-industrial, os corpos estão conectados a diferentes mercados, em geral mercados que tratam materialmente de seus modos de ser e viver, de utensílios ou serviços que economizam ou maximizam as forças do empreendedor bem comportado, prometendo a redenção final de suas angústias: sensações seguras, identidades *prêt-à-porter*, implantes e desfrutes frugais, paz e guerra televisivadas, alimentação laboratorial e balanceada, planos de saúde que não processam e ainda atendem seguros privados de casa, carro, aposentadoria, *contra terceiros*, de morte ou vida. Tudo isso pago nas suaves prestações de uma dívida infinita, justamente no modelo kafkaniano de *O processo*.

Investe-se por toda a vida, e mesmo para além dela: procura-se a redenção do corpo na sua conjugação com a eternidade, e a busca capital que se inaugura é a eterna insegurança de perecer, virar carcaça; as cirurgias plásticas mostram apenas o mais leve sintoma de uma epidemia generalizada, cujas formas de mercantilização da vida e da eternidade vão no caminho que começa na engenharia genética e termina no congelamento ou na clonagem de humanos, toda uma reinvenção pós-humana da concepção.⁵

É no agregado de empreendedores bem comportados que está ligada nossa idéia de metrópole, sua marola bem sucedida, seus talheres bem dispostos, intervenções cirúrgicas, jaquetas metálicas e estofados sintéticos; todo seu cotidiano entre ciborgues: estranha forma de gostar da metrópole como máquina da imagem e do dinheiro, lubrificada pelo néctar azedo que é servido por atendentes mestiços, mistura de sangue, suor e coquetéis híbridos. O empreendedor bem comportado é aquele que congrega e se justifica por meio da grande roda da fortuna, movimento que, como hipótese ou promessa, percebe e se apresenta tanto como a única metrópole possível quanto como a única iniciativa inclusiva. É nesta roda movimentada cotidianamente por muitos, mas especialmente por ninguém, que acharemos a principal turbina do autoritarismo na metrópole contemporânea.

A movimentação da turbina é, propriamente, o principal objetivo deste autoritarismo na metrópole, mas para isso é necessário que se erga uma força unicista desde os confins do mundo, agregando energia difusa de uma grande massa dispersa. A turbina está em todos os lugares, na mão de empreendedores bem comportados conectados às redes de mercado, mas com ninguém em especial; *entre*⁶ as pessoas. O autoritarismo neste novo

arranjo, expressa-se nas escolhas e pressões que se vivem no cotidiano, a quase totalidade delas opondo uma dualidade na qual todos devem posicionar-se: ou também tornar-se um empreendedor bem comportado, e para isso ajudar no funcionamento da turbina, permitindo valer e continuar a cinética da máquina despótica; ou tornar-se *persona non grata*, espécie de cidadão destinado a padecer na marginalidade, na indiferença e no obscurantismo, senão na raiva explícita impingida às bordas e linhas de escape do sistema.

Hoje em dia, dada a hegemonia do pacto, nossas antigas questões acerca da liberdade, pelo menos as que diziam respeito à sua expressão e vivência cotidianas, essas deixam de figurar entre as discussões gerais; acreditamos agora que a liberdade já tenha sido levada o suficiente adiante, pelo menos até o ponto onde não se torna caso de intervenção policial, jurídica ou militar. Já pressuposta, somente resgatamos a liberdade em discussão quando do julgamento ou da intervenção nas suas bordas e nos seus limites.

Na teleologia do capital, as bordas e limites de nossa liberdade parecem tão maleáveis quanto pudermos imaginar, e sua distensão constante é um dos motes favoritos dos vídeo-clipes e *slogans* que produzimos e acompanhamos no chapante discurso do marketing, numa espécie de *ego trip*.

Não temos mais cara-de-pau de dizer que somos oprimidos, se bem que ainda nos saibamos suficientemente sugestionados. É quando a pedra no teu sapato, tendo por demais estragado teu caminhar, acabará te levando enfim à revolução dos confortos. Nossa principal luta é contra o submisso-em-nós, e não contra quaisquer outras figuras institucionais, ideológicas ou esotéricas. A experiência força-nos constantemente a diferir, e constantemente reinventa, atualiza ou extrapola os pactos

vigentes. Os tentáculos do capital operam sempre na busca destas novas invenções e destas novas matérias de expressão, elementos que deverão integrar como tendência aceita ou marginal em seus próprios circuitos de sugestão.

Vemos que a resistência é anterior à captura, e tem mais positividade; ao contrário do que muitos teimam afirmar, tomados de nostalgia medieval, isso torna a metrópole contemporânea um terreno fértil para deserções e levantes: um campo constantemente reaberto para que, para além das bordas e trajetos, das palavras e dos afetos capitalistas, adquiram consistência bordas maleáveis e trajetos mutantes que recorram à metrópole diferentemente, outras palavras e afetos que também não se deixam rastrear; toda uma linha do tempo⁷ da vida que se reabre constantemente.

Quanto à questão das estratégias de resistência e de sua implicação com a produção de diferença, cabe dizer que, contra o desatino da metrópole contemporânea, somente a reinvenção da própria metrópole será suficiente. Esta reinvenção, inclusive, não diz respeito somente à nova metrópole e suas geografias físicas, mas também às próprias estratégias que buscarão recriá-las. Reinventar a metrópole deve significar mais do que reinventar nossos modos concretos; deve significar a reinvenção dos liames e relações que ali produzimos, e também a reinvenção do nosso modo de lidar com a própria vida como produção.

Se ainda é difícil entender as estratégias de resistência também por este caminho, é porque as práticas da efigie-esquerda sempre investiram nas homogenias, assim como na teologia dos organogramas, nas doutrinas cimentadas por axiomas esvaziados e nas rotinas pré-concebidas das massas. Além disso, lhes é mais familiar a interpretação desde o ponto de vista da pas-

sividade — o conjunto de teorias acerca da nossa alienação sob pesada repressão e dominação servem aqui de atestado. É fundamental que façamos a genealogia de seus protestos, desmembrando-a na direção de uma apologia da produção.

Apologia da produção

Enquanto continuarmos presos aos mesmos referenciais, às mesmas questões já tanto pisoteadas e ao mesmo tipo de alternativas que daí sempre emergiram, é certo que não teremos nem mesmo as condições necessárias para achar qualquer tipo de solução que faça fomentar a resistência; e isso para não ter que afirmar, já neste momento, que este tipo de solução, na forma de uma resposta unitária e messiânica, talvez nem mesmo venha ou precise existir. A questão é deixar de lado o fetiche que produzimos em torno do sempre-o-mesmo, daqueles mesmos problemas e soluções, das mesmas doutrinas, idéias e práticas que atravessam uma vida como se fossem imunes, um vício de recorrência.

Ao contrário, devemos sempre ter o cuidado de incorporar e produzir outros e novos desafios, tomando os encontros como possibilidades de reformulação constante de nossas questões, principalmente as consideradas fundamentais. Não é questão de retornar sempre às mesmas perguntas para procurar respondê-las de outra forma; nunca se chegará a lugar nenhum somente repisando as mesmas antigas questões. É necessário sair delas, superar antigas perguntas. Quando nossas questões ou nossos problemas são mal formulados ou já se tornam senis, não há forma possível de extrair deles uma solução potente.

Falar em resistir pode ser traduzido como agir com o intuito de superar, suplantando ou, no mínimo, sabo-

tar as formas de sociabilidade que maculam a metrópole contemporânea. De forma geral, porém, podemos dizer que o problema da resistência não pode ser considerado como um problema simplesmente contra-capitalista. Da mesma forma, também não é recomendado que o problema da resistência seja considerado um problema propriamente comunista ou socialista. Podemos dizer que, caso tivéssemos que optar por algum tipo de doutrinário ou idealismo — ou algum tipo de doutrinador ou idealista —, optariamos pela pirataria como não-doutrina e pelo pirata como seu livre navegador.⁸

Que me desculpem aqueles de opinião divergente — que são muitos e bastante coesos, por sinal —, mas é necessário afirmar que foi de posse destes tipos de doutrinários e idealismos cultivados por muitos dos espectros da efígie-esquerda que não encontramos saídas para os obstáculos a uma livre expressão do trabalho da resistência. Por este motivo, mais do que não se identificar nestes lugares, é também contra eles que uma resistência inventa outras formas de vida; e rasga sua lista de questões.

A resistência é afeita à geografia afetiva e, nesse caso, tanto a história quanto o homem são definidos mais pela sua descontinuidade do que pela sua continuidade. Enfatizando tanto a geografia quanto os corpos como derivados de um constante jogo de forças, propõe-se um tempo sempre aberto e novo, tempo que avança em saltos, quebras, cortes e desvios; acontecimentos a partir das diferenças de potencial entre forças heterogêneas e dispersas; e efeitos de proliferação destas forças em novas forças heterogêneas e dispersas pela metrópole.

É importante dizer que nesta operação rizomática que transversaliza a metrópole, muitas forças são mesmo

invisíveis. Nem sempre sabemos sob efeito de quais forças estamos, sob quais efeitos somos levados a percorrer nosso caminho. Passamos o nosso tempo a derivar entre estas forças, procurando possibilidades de arrumá-las em territórios existenciais, sempre fugidios e precários. Ao passo que novos arranjos e arrumações se produzem; necessária e cotidianamente temos uma abertura e um repuxo para outra composição das tensões entre permanências e resistências; e assim por diante, corriqueira e constantemente, em tensões de territorialização e desterritorialização como processos em correlação. O trabalho da resistência como o arranjo das linhas de determinada geografia numa corporeidade, assim, é um trabalho permeado por alto grau de involuntarismo.

Protomutantes⁹

Contra aquela espécie de maçonaria capitalista, mas também contra a tristeza militante, é preciso reinventar no cotidiano a prática dissidente, uma nova postura, uma nova forma de preguiça e indolência, de vadiagem e vagabundagem criativas.¹⁰

Se o capital hoje corre com mais pressa, é porque a multiplicidade da resistência o força a fazê-lo; e justamente no ponto onde o capital adquire sua maior possibilidade de deslizamento e rarefação, atingindo sua maior possibilidade de preenchimento, é justamente aí que já começa a desabar da maneira mais estúpida. O capitalismo contemporâneo apresenta-se burro de ganância; seu esfumaçar-se o faz constantemente perder os controles que pretende em si mesmo. E a culpa passa a ser mesmo nossa, porque somos nós mesmos os seus frágeis ancoradores.

Os militantes estão ainda perdidos entre os vinis empoeirados que cantam operetas cubanas ou soviéti-

cas, e nem parecem perceber que Che Guevara já vai virando personagem de novela das nove; enquanto isso, seus quadros de governo agenciam conexões misteriosas, querendo ou ocupando com ternos bem passados as pompas e teatros da cúpula estatal, retirando dali o que pensam ser devido depois de seus tantos anos de sacrifício moral e cívico. Ademais, a máquina toda permanece bucha de canhão na recuperação precária dos estragos cotidianos que o capital provoca mundialmente.

É na problemática da produção de diferença que poderemos situar tanto o desatino da metrópole capitalista quanto as possíveis estratégias criativas de insurreição no rumo de uma nova cidade; é nas operações em torno desta produção de diferença que poderemos encontrar tanto os mais ardilosos dispositivos de funcionamento do capitalismo contemporâneo quanto as mais eficientes estratégias de resistência para os dias de hoje.

Convém sempre lembrar a lucidez de pensadores como Etienne de La Boétie,¹¹ para quem o problema principal não é aquele antigo, sobre quem nos oprime ou como o faz. Para ele, nosso problema é nossa servidão voluntária. Este pensamento aponta radicalmente para nossa liberdade e para a nossa autonomia e aponta também um dado importante acerca da militância que temos na metrópole: se nós mesmos produzimos os sistemas nos quais vivemos, e precisamos sempre falar em primeira pessoa quando o assunto diz respeito à nossa vida coletiva, quem senão nós mesmos inventará nossos novos pactos de liberdade?

São muitos os protomutantes¹³ perdidos entre esta massa de comunistas; muitos mais estão perdidos entre as hordas capitalistas. São nascidos e criados, psiquiatrizados, psicanalisados, militarizados, bacharelados, empregados, aposentados e assassinados; são pro-

tomutantes julgados em posse para o bem do grande esforço de mover a roda da fortuna ou uma revolução cronometrada, protomutantes cujo principal sintoma costuma ser o alto grau de convivência ou o desespero do descaminho. Estão perdidos por todos os lugares, e são corpos sensíveis e agitadores habitando uma carcaça de gente cansada, o fôlego dos trabalhadores, o sono de estudantes, o estômago dos militantes e o tempo hostil dos desocupados e desempregados; ricos, pobres, remediados ou favelados. Ou ainda protomutantes com seus corpos em revolta, corpos batedores ou errantes, pedintes e salafrários. Talvez corpos narcotizados de informação, drogas sintéticas e apliques. Alguns mesmo burgueses e cruéis.

A grande onda dissidente abaterá esta confusa metrópole contemporânea? Terá sido a onda dissidente anestesiada nas alegrias do marketing e sob o peso vermelho dos martelos e foices oficiais? Burlar a metrópole contemporânea no rumo de uma nova sociabilidade só pode significar a deserção de seus circuitos autoritários, para além dos quais haverá a possibilidade de produzirmos experiências originais e singulares no cotidiano, experiências nas quais o desejo encontre canais para ser efetuado e expresso. Se ainda há algum sentido na palavra utopia, e não há porque descartá-la, este sentido deve remeter a uma atitude presente abertamente ligada à intensificação da experiência aqui e agora. Não haverá uma utopia que não tenha tradução na dinâmica genuína do nosso cotidiano.

Há um protomutante em potencial em cada corpo sedado ou transtornado; há um grande basta entalado em muitas gargantas e muita energia a usinar. É entre todos estes protomutantes que há novas sensibilidades estéticas; e é no resgate dos seus corpos sensíveis que poderemos entender uma utopia contemporânea, assim

como as sutilezas e as gentilezas das suas práticas e linguagens. Falta-nos acreditar nas possibilidades.

E então chutaremos o balde desta estúpida hipocondria.

Notas

¹ Neste ponto, são especialmente interessantes os escritos situacionistas acerca da cidade. Uma ótima compilação destes textos, antes dispersos, pode ser encontrada em: Paola B. Jacques (org.). *Apologia da Deriva: escritos situacionistas sobre a cidade*. Rio de Janeiro, Casa da Palavra, 2003.

² Ver Suely Rolnik. “Pensamento, corpo e devir: uma perspectiva ético/estético/política no trabalho acadêmico” in *Cadernos de Subjetividade*. v. 1, n.2. São Paulo, Núcleo de Estudos da Subjetividade do Programa de Estudos Pós-Graduados em Psicologia Clínica da PUC-SP, 1993, pp. 241-251.

³ Michel Onfray, no projeto de um materialismo hedonista, utiliza a escultura como modalidade de trabalho a ser levada em conta quando da formulação de um modo de vida, oferecendo o corpo e a escultura como forma de cuidado de si. Ver especialmente Michel Onfray. “Estética: pequena teoria da escultura de si” in *A escultura de si: a moral estética*. Rio de Janeiro, Rocco, 1995, pp.65-101; Michel Onfray. “Corpo” in *A arte de ter prazer: por um materialismo hedonista*. São Paulo, Martins Fontes, 1999. pp. 99-225.

⁴ “Um rizoma pode ser rompido, quebrado em algum lugar qualquer, e também retoma segundo uma ou outra de suas linhas e segundo outras linhas. É impossível exterminar as formigas, porque elas formam um rizoma animal do qual a maior parte pode ser destruída sem que ele deixe de se reconstruir. Todo rizoma compreende linhas de segmentaridade segundo as quais ele é estratificado, territorializado, organizado, significado, atribuído, etc.; mas compreende também linhas de desterritorialização pelas quais ele foge sem parar. Há ruptura no rizoma cada vez que linhas segmentares explodem numa linha de fuga, mas a linha de fuga faz parte do rizoma.” Gilles Deleuze e Félix Guattari. *Mil Platôs: capitalismo e esquizofrenia*. Vol. 1. São Paulo, Editora 34, 1995, p.18.

⁵ Ver Paula Sibília. “Natureza” in *O Homem Pós-orgânico: corpo, subjetividade e tecnologias digitais*. Rio de Janeiro, Relume Dumará, 2002, pp. 111-156.

⁶ “O meio não é uma média; ao contrário, é o lugar onde as coisas adquirem velocidade. *Entre* as coisas não designa uma correlação localizável que vai de uma para outra e reciprocamente, mas uma direção perpendicular, um movi-

mento transversal que as carrega uma e outra, riacho sem início nem fim, que rói suas duas margens e adquire velocidade no meio.” Gilles Deleuze e Félix Guattari, 1995, op. cit., p. 37.

⁷ O tempo, aqui, não pode ser confundido com o horário contado em horas, minutos, segundos e suas frações. A noção de tempo, quando fixada de acordo com estas divisões, apresenta-se submetida à rigidez do mensurável e à matemática do concreto. Entendemos a dimensão do *tempo*, assim como propôs Henry Bergson, como a duração relativa e precária da vida em sua dimensão sempre criativa, em sua evolução criadora; este tempo como duração relativa, por diferentes e sucessivas acelerações e velocidades, marca a essência do corpo como devir e a substância do real como movimento, processualidade. Ver Henry Bergson. “Sobre a evolução da vida: mecanismo e finalidade” in *A evolução criadora*. Rio de Janeiro, Delta, 1964, pp. 41-120.

⁸ Ver Hakim Bey. *TAZ: zona autônoma temporária*. São Paulo, Conrad, 2001.

⁹ O termo protomutante foi cunhado por Thomas Hanna e posteriormente atualizado por Roberto Freire na caracterização do personagem Coiote, no romance homônimo. Ver: Thomas Hanna. *Corpos em revolta (uma abertura para o pensamento somático)*. Rio de Janeiro, Edições Mundo Musical, 1972; Roberto Freire. *Coiote*. São Paulo, Sol e Chuva, 1997.

¹⁰ Guy Debord e Hakim Bey apresentam as novas formas de militância mesclando a ação política e a insubmissão com o terrorismo poético e a vagabundagem criativa; contribuem para pensar a revolta e a dissidência como virtudes hedonistas. Ver Guy Debord. *Panegírico*. São Paulo, Conrad, 2002; Hakim Bey “Caos: os panfletos do anarquismo ontológico” in *CAOS: terrorismo poético e outros crimes exemplares*. São Paulo, Conrad, 2003.

¹¹ Ver Etienne de La Boétie. *Discurso da servidão voluntária*. São Paulo, Edições Sabotagem, s.d.

RESUMO

Um artigo sobre o corpo, suas matérias físicas, semiótica e intensiva; sobre o corpo e suas conexões entre política, estética e resistência; sobre o corpo e suas possibilidades de liberdade nos tempos do capitalismo contemporâneo e seus novos meios de autoritarismo; sobre o corpo e a tristeza comunista.

Palavras-chave: corpo, resistência, militância.

ABSTRACT

An article on the body, its physical, semiotic and intensive matters; on the body and its connections among politics, aesthetic and resistance; on the body and its possibilities of freedom in times of contemporary capitalism and its new ways of authoritarianism; on the body and the communist sadness.

Keywords: body, resistance, activism.

Recebido para publicação em 18 de julho de 2005 e confirmado em 28 de agosto de 2005.